



FOLHA QUINZENAL

4.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)	PORTO—13 DE MAIO DE 1880	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (ESTRANGEIRO)	N.º 4	
	Trimestre.....	350 réis	Trimestre.....		600 réis
	Semestre.....	700	Semestre.....		1200
	Anno.....	13400	Anno.....		26400
		ESCRITORIO — FERNANDES THOMAZ, 1285			

GUILHERME COSSOUL

Foi em 1868. N'esse anno fundava-se na capital uma instituição grandiosa, destinada a velar pela pro-riedade e pela vida alheia; uma instituição nobilissima e santa, a que se agremiaram em breve tempo os homens de coração generoso.

Já lá vão 12 annos; e desde então, a ideia alevantadissima do iniciador d'essa instituição grandiosa tem encontrado fervorosos seguidores em todos os pontos do paiz.

Em 1868, fundava-se em Lisboa a Associação dos Bombeiros Voluntarios, e foi Guilherme Cossoul quem a fundou. N'este acto de sublime dedicação está feita a biographia do cidadão prestante.

Cossoul, pondo-se á frente d'essa crusada de heroismo, patenteou assim a grandesa da sua alma generosa, e chamava para continuadores da sua obra todos os que como elle comprehendem a valia da instituição que fundava.

E o movimento de continuidade que desde logo se operou, deve ser para Cossoul a paga mais completa dos sacrificios e dos desgostos que porventura lhe acarretasse o seu generosissimo pensamento.

Alma d'artista, sentia-os elle, todos os soffrimentos

alheios; procurou remedial-os, buscou alivios para os tornar menos dolorosos, e anirado da sua ideia dilecta, devotou-se todo á prosperidade da benemerita instituição que todos os dias assignala a sua existencia por actos rasgadamente humanitarios.

Nós, que humildemente nos incorporamos no pres-
tito que elle dirige, deviamos-lhe esta manifes-
tação do nosso reconhe-
cimento. Ha mais tempo
que a quiseramos pre-
star, se a modestia do
bravo bombeiro não
contrariasse os nossos
desejos.

Hoje, porém, enrique-
cemos o nosso modesto
quinzenario com o re-
trato do artista eximio e
do bombeiro dedicado.
Devemos esta lineza ao
nosso esclarecido colle-
ga do *Diario Illustrado*,
a quem, d'este logar
agradecemos a sua gen-
tilissima attenção.

Em 22 d'abril, foi o
anniversario natalicio de
Cossoul. Ferreira Lobo,
um escriptor distincto,
saudou o benemerito ar-
tista com algumas sen-
tidas palavras que pu-
blicou em folhetim no
Diario Illustrado. Pedi-
mos licença para trans-
crever alguns periodos,
que faremos nossos, ce-
dendo assim o logar a
quem, melhor do que

nós, biographou o venerando cidadão, por quem pro-
fessamos o respeito mais profundo.

«Homem de mais fino porte não ha outro de cer-
to. Na gentileza das maneiras e na delicadeza dos sen-
timentos, é dos primeiros entre os primeiros.



Em quanto elle viver, e, depois ainda, em quanto durar a lembrança do seu nome, não se dirá que a deusa da musica não teve em Portugal um inspirado.

É um grande artista, não admira que seja um nobre coração. O bello e o justo; a paixão da arte e o amor da humanidade.

Nas duas escolas o educaram seus paes; — que paes, e que filho!...

Não vêem aquellas duas insignias que traz ao peito? Estão ali epilogados os seus feitos e os seus meritos.

O musico e o humanitario. Duas individualidades que n'elle se fundiram, porque as enlaça um só affecto, porque as domina um só principio, porque as dirige uma só aspiração.

Quem ha ali que não ouvisse as dulcissimas melodias do seu violoncello, d'aquelle instrumento que nas suas mãos parecia encantado? Quem ha ali que não se sentisse arrebatado quando elle, dedilhando a harpa, revelava todos os maviosos segredos, que sua mãe—tão sua amada—lhe ensinára a desentranhar d'aquellas cordas, que parecem afinadas pelas fibras do coração? Quem ha ali que não conheça a missa, que elle consagrou á Virgem das celestias harmonias; o *Te-Deum* destinado a celebrar as nupcias da sr.^a D. Maria Pia, o anjo tutelar dos desventurados; — a marcha dedicada á memoria de Camões, o immortal cantor da immortal epopea portugueza?

Quem ha ali que não saiba de alguma particularidade ao menos, dos seus muitos serviços em favor do engrandecimento da arte e do ensino d'ella no nosso paiz?...

Guilherme Cossoul completou os seus estudos no conservatorio de Paris. Regressando á terra natal foi logo provido n'um lugar de professor do conservatorio de Lisboa, cuja direcção assumiu mais tarde. Ao mesmo tempo era nomeado musico da real camara. A fama dos seus talentos atraia-lhe numerosos discipu-

los. Os que queriam aperfeiçoar-se nos estudos musicos procuravam-o com frenetico empenho.

Sempre que se annunciava algum concerto, perguntava-se logo se o Cossoul tomaria n'elle parte. O eximio artista era o realce de todas as festas.

Ainda agora, tão retirado de todo o bulicio e de toda a vida communicativa da arte, annuncia-se com alvoroço para as festas do centenario a execução da sua marcha—a homenagem a Camões.

Em 1868 fundou a Associação dos Bombeiros Voluntarios. Nos moldes d'esta instituição está vasado um dos sentimentos mais generosos do seu amorosissimo coração. Quantas fortunas e quantas vidas salvou elle com a sua dedicação desvelada, com a sua intrepidez heroica! Que estímulos incutiui nos que, incitados pelo seu exemplo, se alistaram como seus companheiros! Que prodigios pratica ainda hoje aquella benemerita corporação, que não existiria, se com o *fiat* da sua voz creadora não houvera elle incendiado o heroismo no animo de tantos rapazes briosos!

Foi esta dedicação que lhe consumiu a vida, esta dedicação tão pronunciada e tão esclarecida, que o proprio Feijó, o intrepido inspector dos incendios, quando o não via a seu lado nos grandes lances, perguntava por elle com impaciencia e com saudade!

Cossoul tem soffrido atrocemente; mas ainda assim, poderá elle quebrar, ao menos momentaneamente aquella paralyção que o tolhe e acorrenta, e seria o primeiro a voar ao local do sinistro, quando as badaladas apressadas dos campanarios dão signal de incendio.

Cossoul ha de ainda reaparecer no meio dos seus collegas e dos seus amigos, activo, folgassão, risonho, amavel, prestante como sempre foi; — e nunca mais no dia de seus annos lhe apparecerão em casa bilhetes orvalhados de lagrimas que, por serem amigas, nem por isso deixam de ser lagrimas.»

Esses mesmos votos ardentemente fazemos. Cossoul

Chronica Quinzenal

Não desmereceu da fama de que vinha precedida, a companhia lyrica italiana que actualmente funciona no theatro de S. João.

Impacientemente esperavam os *dilletanti* portueses uma companhia regular que interpretasse as obras afamadas dos grandes maestros. Tiveram a companhia hespanhola de zarzuella, mas não ficaram satisfeitos; o *Salto do Pasiego* recordou-lhes a *Dinorah*, na bucolica do 2.^o acto, e a garganta invejavel da sr.^a Cortez trouxe-lhes á memoria as cantoras de nomeada que por ahí andam em perigrinação artistica, espalhando harmonias, com o cuidado dos missionarios do bem, que procuram repartir consolações boas e perduraveis.

Os jornaes de Lisboa apregoavam os successos da *Aida*; nós deliravamos ao som marcial da *Marselhesa*. Perante as modernas aspirações do espirito, eramos grandes, deixando-nos arrastar pela seducção d'aquelle canto sagrado, ao som do qual uma espantosa revolução se operou... (é se operará). Perante a arte, eramos pequenos, e tinhamos vontade de correr a Lisboa, applaudir a Borghi, o Tamagno, expandir o nosso entusiasmo eloquentemente, e dizer, ainda que as

nossas crenças soffressem—A *Marselhesa*—é uma coisa chata, vulgar, sem merito; queremos antes a *Aida*, com os seus bailados, as suas marchas, as suas bellezas, emfim.

Resignamo-nos; e que remedio!

O destino, porém, arvorou-se em nosso protector; e o certo é, que temos uma companhia lyrica excellente, de que não somos merecedores, vá-se dizendo para descargo de consciencia.

Nós, somos exigentes, sem o podermos e sem o sabermos saber.

Demonstremos:

A companhia hespanhola de zarzuella que ahí esteve, uma companhia muito regular, composta de bons artistas, cantava para a orchestra e para os porteiros do theatro. O publico, esse ia para a Trindade, applaudir umas ineptias idiotas, a tresandarem a alho e a vinho de taberna pulha; gostava d'aquellas arlequinadas indecentes, ria muito, com o riso alvar do parvo, e achava tudo muito bem, muito agradável.

E o theatro decente, aquelle em que a Arte recebia preitos sinceros, estava quasi deserto, triste, apenas com um outro mais dedicado a assumptos serios.

Mas, se o publico que ia extasiar-se com as ineptias petulantes de meia duzia de *sujeitos* enxovalhados, entrava n'uma sala decente, fasia-se logo exigente, entendido, erudito, assim com uns ares de quem decreta e legisla em assumptos d'arte.

ha de um dia sahir do leito a que o accorrenou a doença, e, cheio de vida como nas epochas mais esplendorosas da sua existencia, ha de vir até nós, que é justo que de perto veneremos o homem que nos anima com o seu exemplo a arrostar as vicissitudes que a cada passo se levantam e nos contrariam em extremo.

A Guilherme Cossoul, os protestos mais sinceros da nossa estima, e os votos mais ardentes pela sua preciosa existencia.

Porto—1880.

A escada de salvação

(Continuação do n.º 3)

Dissemos que, sem querermos entrar na apreciação do melhor systema de escadas d'este genero, occupar-nos-hiamos da escada mechanica de salvação dos bombeiros voluntarios, visto ser a unica que esta cidade possui actualmente e continuará a possuir se as nossas conjecturas não falharem.

Da verdadeira utilidade e importancia d'este apparelho, pôde grande numero de pessoas certificar-se no dia 6 do corrente mez, no exercicio levado a effeito nos predios da Praça de D. Pedro.

Em um minuto e quinze segundos foi a escada desligada do carro dianteiro, approximada do predio e estendida até ao quarto andar, subindo immediatamente por ella tres bombeiros, que alcançaram o topo em menos de quinze segundos — gastando-se, portanto, apenas dois minutos, desde que a escada compareceu, até que os bombeiros alcançaram as varandas de um quarto andar.

Ora, para uma gente assim... Trindade, e mais Trindade.

Sem offensa para o publico sério, escrevemos estas linhas. Mas é justo que, em presença de tantos desacatos commettidos, se exarê este voto de profundo pesar pela ausencia de bom senso que se nota em grande parte dos frequentadores do theatro.

E a prova do que avançamos consiste no seguinte. Os que não trepidavam em amarrotar o collarinho, e pôr a gravata ao lado, entrando na barraca da Trindade, mostravam-se exigentes e sabedores quando, muito bem compostos, de colarinhos brunidos, gravata limpa e luva bem calçada, entravam n'um theatro decente.

Iriam acolá unicamente para estarem à vontade, com o colete desapertado, e com as botas fóra dos pés?...

Pôde ser assim, mas nós não adivinhamos.

Adeante.

Foi auspiciosa a estreia da companhia lyrica.

A *Traviata*, essa adoravel partitura que apesar de moida escandalosamente nos rialejos desafinados, é sempre uma obra prima, obteve uma execução correcta e distincta, por parte de Gargano, Corsi e Pandolphini, tres artistas cheios de talento.

Não esmiuçaremos particularidades; diremos apenas que a plateia foi justiceira, saudando-os com enthusiasmo.

Com nenhuma das outras escadas, a ingleza e italiana de lanços, a franceza à *crochets*, e a prussiana, se poderia obter tão favoravel resultado.

Contribuiu muitissimo, é verdade, para a rapida execução da manobra, a maneira habil como haviam sido exercitados pelo seu commandante aquelles que manobraram com esta escada; porém, não obstante o instructor haver sido o mesmo para as manobras das outras escadas, nunca pôde conseguir tão rapida execução, o que mostra exuberantemente a superioridade d'aquella sobre estas. Tem ella a desvantagem de não ser tão portatil e ser de mais difficil conducção, a cujo inconveniente se pôde obstar com um sacrificio monetario, fazendo aquisição das que forem julgadas precisas e collocando-as convenientemente, de forma que o tracto a percorrer seja o menor possivel.

Em vista, pois, das palpaveis vantagens que se notam em uma escada d'este genero, surprehende-nos como o municipio do Porto, que ultimamente por iniciativa do digno vereador do pelouro dos incendios, o ex.^{mo} sr. Correia de Barros, tem evidenciado bastante interesse em melhorar a companhia de bombeiros e dotal-a com bom material, ainda não pensasse na conveniencia e indispensavel necessidade de preencher lacuna tão sensivel, como é a falta da escada de salvação.

Igual censura não podemos fazer à corporação de bombeiros voluntarios, que apesar de ser uma companhia de iniciativa particular, não se esqueceu de prover de remedio, quanto em suas forças cabia, para garantir da melhor forma a vida dos nossos conterraneos, fazendo aquisição de uma escada que importou em quantia avultadissima. Verdade é tambem, que pela difficuldade de transporte, de pouca utilidade se torna, por só poder acudir às proximidades da sua estação; porém o exemplo partiu d'alli e se o municipio do Porto o imitasse, teriamos nós a cidade perfeitamente protegida, visto que, em vez de uma unica

A *Africana*, veio dar uma nova demonstração do talento d'aquelles tres artistas.

N'esta opera *debutou* a sr.^a Romilda Pantaleoni, artista que fez a passada estação lyrica no theatro real de Madrid.

Pantaleoni é uma cantora de muitos recursos; voz clara, agradavel, sã, dizendo com muita correcção e demonstrando que tem excellente escola.

Gargano, que já ouvimos na *Traviata*, é uma artista de merito superior; Corsi, um actor distinctissimo, o primeiro, talvez, que tem vindo ao nosso theatro. Pandolphini, um baritono de primeira ordem.

No entanto (admitta-se outra vez a referencia) alguns *entendidos*, desdiziam da companhia, e mostravam-se indifferentes a tudo que veem e ouvem.

Lá diz a Escripura—*Infinitus est numerus stultorum*.

*

* *

No theatro Baquet está em scena a *Flór do chà*, graciosa opera comica de Lecoq.

Do desempenho que esta producção obteve diremos o seguinte:

Fallando primeiramente das actrizes, especialisaremos Delmira Mendes, creança na idade e na sua carreira d'artista, mas que deixa entrever um futuro lisongeiro se se entregar ao estudo da arte que cultiva

escada, haveria onze, tantas quantas são as bombas, comparecendo cada uma á circumscripção que lhe pertencesse. Não deveremos, ainda assim, ser tão exigentes, pois que, com mais tres escadas, já o serviço poderia ser feito com bastante regularidade e promptidão. Collocada uma d'ellas no Campo 24 d'Agosto, ou jardim de S. Lazaro; outra no Largo da Aguardente, ou Campo da Regeneração; outra na Praça de Carlos Alberto, ou Campo Pequeno; e a dos voluntarios, na Praça de D. Pedro, ou onde actualmente está, no Pateo do Paraizo, ficaria a cidade perfeitamente protegida.

Com pesar o dizemos: lastimamos e do coração que a iniciativa não partisse da Camara, e ao mesmo tempo rejubilamos por vermos a maneira conscienciosa, acertada e previdente como procedeu n'este ponto a associação dos bombeiros voluntarios, já contribuindo com uma quantia avultada, já promovendo uma subscripção para completar a quantia precisa para a compra da excellente escada que possui.

Se a difficuldade está na escolha, é ella hoje menor do que o era antes de se comprar a escada que hoje ahí existe e da qual vimos fallando, porque actualmente póde ella ser confrontada com a de Lisboa e com as outras que existem no estrangeiro, cujo systema é inteiramente diverso, indo portanto a escolha recahir n'aquella que melhores vantagens apresentasse; e demais, fazendo parte da Camara, o sr. Correia de Barros, pessoa competentissima n'este assumpto, já por ser engenheiro, já por ter sido Inspector dos Incendios em Lisboa e ter a practica do serviço, mais facil seria a escolha. Nenhum d'esses requisitos tinha ha tres annos o commandante dos bombeiros voluntarios e não obstante, foi expressamente a Londres, a expensas suas, mandar construir este novo systema de escada, baseado no systema Clayton, com as addiconaes e modificações que lhe pareceram melhores e mais adequadas para as condições exigidas por uma cidade como a nossa, depois do maduro estudo que fez sobre o as-

e se andar sempre desviada, como agora, d'umas vaidadesinhas que são muito das noviças do palco e que o mais das vezes as matam para o theatro. Encarregada do papel de *Flor de chá*, o seu desempenho foi favoravelmente commentado e apreciado por quantos a viram e ouviram. Apresentou uma timidez sem exageros, disse com intenção e cantou de modo a satisfazer agradavelmente n'uma composição do genero da que se representava. Tem uma voz clara, posto que se lhe notem umas leves asperezas na transição das notas agudas para as baixas; mas esse defeito deverá desaparecer com o exercicio da voz. Vestia elegantemente e a interpretação do seu papel valeu de muito para a peça.

Outro tanto não poderemos dizer de Thomazia Veloso. Não cantou nem declamou como era para desejar. Enleada numas pretensões que, diga-se a verdade, a prejudicam muitissimo, e que mais de uma vez lhe havemos censurado, e tendo a seu cargo um dos melhores personagens da peça, pareceu-nos apostada em o não fazer sobresahir. Desafinou constantemente, e no restante andou sem a devida propriedade. Seria talvez o receio d'uma primeira representação, seria isso; mas o que é certo é que em geral desagradou. Entretanto se foi aquelle o motivo de tal desharmonia, desejariamos vel-a emendada para outra vez, o que julgamos não ser difficil. Esquecia-nos dizer que representava o papel de «Georgina», a vivandeira.

sumpto. O resultado, a nosso ver, foi o mais satisfatorio, muito principalmente depois das modificações que já aqui mandou fazer, aconselhadas pelos resultados practicos e pelo estudo minucioso que fez do machinismo e do seu manejo.

Continuaremos no proximo numero e seguintes, com a descripção minuciosa d'esta escada, da nomenclatura das diferentes peças componentes, das manobras de montagem, de desmontagem, do seu uso, emprego e conservação, tanto no serviço de incendios como fóra d'elle.

(Continúa.)

Simulacro de incendio

No dia 6 do corrente teve logar na Praça de D. Pedro, nos edificios que ficam pelo lado de traz do tanque, o exercicio dos bombeiros voluntarios, em cumprimento dos desejos manifestados pelo digno Inspector Geral dos Incendios.

Este exercicio foi um simulacro de incendio. Às duas horas em ponto, como estava anunciado, entrou no pateo do Paraizo o commandante dos bombeiros voluntarios, acompanhado do inspector geral dos incendios, e dirigindo-se para a sineta d'alarme, deu o toque de incendio. Trez minutos depois, compareciam no pateo os bombeiros voluntarios já uniformizados, e depois de atrelados os cavallos á escada de salvação, bomba e carro, cuja operação gastou mais um minuto, seguiram para o local acima indicado, onde já se achava o commandante em companhia do sr. inspector geral.

As manobras foram executadas em trez casas, em

Dias, «o mandarim de 1.^a classe,» nem por isso foi lá um mandarim muito fiel; não tirou o partido que deveria do seu excellente papel, embora a sua graça natural supprisse por vezes as faltas commettidas. Fez rir, mas isso não basta para se ser completo.

Emquanto a Setta, perfeitamente igual de principio a fim. Compreendeu o seu papel de «Germano» muito bem, e deu-lhe uma interpretação verdadeira. Pela nossa parte não temos reparo que lhe fazer, a não ser que serviram de muito para o acolhimento da peça os seus esforços.

Capistrano, «Zig-Zag» andou conscienciosamente, bem que não seja inteiramente aquelle o seu genero. Não desmanchou, e representou mesmo em certos pontos com alguma graça.

Na proxima 5.^a feira realisa-se no theatro Principe Real a festa artistica de Julio Soller, com a primeira representação do drama em 5 actos, do fallecido escriptor D. José d'Almada e Lencastre, *A Prophecia ou a queda de Jerusalem*.

Porto, — 1880.

Nihil.

uma das quaes se suppunha que lavrava o incendio, pondo em grave risco os dois predios contiguos.

Chegada a escada de salvação com o respectivo piquete de quatro bombeiros, a saber: 2.º patrão n.º 42, Joaquim Antonio de Moura Soeiro; n.º 27, João Ferreira Dias Guimarães Junior; n.º 19, Antonio Bastos; n.º 14, Alfredo Bastos, deu o commandante o toque para desenvolver a escada, a qual foi lançada ao quarto andar, e subindo por ella o 2.º patrão, e os n.ºs 14 e 27, munidos de uma corda, foi este ultimo voluntario arriado até a rua por meio do nó de cadeira, sendo a *preguiça* sustentada pelo n.º 19. N'este meio tempo tinha chegado a bomba, que recebeu ordem para desmontar e estender mangueiras. Recebe piquete compunha-se dos voluntarios n.ºs 12 Antonio Cruz; n.º 3, Manoel Maia; n.º 1, Luiz Vianna; n.º 46 Ignacio de Faria, e n.º 9, Adolpho Felgueiras. N'este comenos, aproximaram-se os restantes voluntarios que não vieram com o piquete, e foram collocar-se nas suas respectivas secções.

Sendo pedida a manga salva-vidas pelo voluntario n.º 12 que trabalhava com a agulheta, auxiliado pelo n.º 2 José Rodrigues Barrote, foi esta içada pelos voluntarios n.ºs 1 e 3, que salvaram trez rapazes e igual numero de mulheres, fazendo-as descer pela manga. Na supposição de que mais algum estava em perigo nos quartos interiores, os quaes não eram accessiveis por causa do fumo, subiram os voluntarios n.ºs 9 e 46, munidos de respiradores e machados grandes, trazendo em seguida mais trez mulheres e um homem que salvaram pela manga.

Na hypothese de que o incendio se communicára ao outro predio, foram estendidos cinco lanços da escada ingleza do carro de material para se proceder ao reconhecimento.

Este piquete era commandado pelo 1.º patrão, Eduardo de Souza Pereira e compunha-se do aspirante n.º 17, Arminio von Doelinger; n.º 6, José Ribeiro de Freitas; n.º 15, Antonio Joaquim da Encarnação e n.º 30, Alba Augusto Aranha.

Subiram com machados os voluntarios n.ºs 15 e 6, e como nada descobrissem e a escada ingleza não alcançasse mais, foram pedidas duas escadas prussianas, com as quaes manobrarão até ao quarto andar, o aspirante n.º 17 e o voluntario n.º 30.

O serviço das agulhetas, bem como o da manga salva-vidas, foi montado com o auxilio das escadas *à crochets*, da bomba e do carro de material.

A bomba forneceu-se com agua do tanque por meio dos tubos aspiradores, dando o voluntario que manobrou a agulheta, toques de parar e trabalhar. Pelas diferentes escadas foram levados varios aprestes, taes como croques, desferradeiras, gadanhos e um lanço d'escada.

Depois do toque de arriar e depois de collocado todo o material nos seus respectivos logares, foi feita a chamada, e como por essa occasião o sr. Inspector Geral mostrasse desejos de ouvir os novos toques de numeração adoptados pelos bombeiros voluntarios e baseados no systema Morse, foram chamados pelo apito quasi todos os voluntarios, que executaram as manobras que lhe eram ordenadas.

Em seguida retiraram todos com o material pela ordem da chegada.

Ao exercicio assistiram os protectores-auxiliares, que coadjuvaram os voluntarios no manejo da bomba.

Em conclusão, diremos que todas as manobras foram executadas com a maxima pericia, promptidão e certeza, sendo até impossivel especialisar como melhor

esta ou aquella manobra; no emtanto, não podemos deixar de notar com verdadeira satisfação a maneira como foram bem comprehendidos os novos toques pelo systema Morse, o que é mais uma prova do grau de proficiencia e aptidão a que Guilherme Fernandes tem sabido elevar a corporação que commanda.

Toda a praça estava apinhada de espectadores, assim como as janellas dos predios proximos. De uma das janellas da casa da camara, presenciou o exercicio o vereador dos incendios, o sr. Correia de Barros.

As 5 horas da tarde foi servido no Hotel de Paris um jantar, ao qual assistiu tambem o sr. Inspector Geral. Ao *dessert* fizeram-se varios brindes e reinou o maior entusiasmo.

Durante o jantar tocou a banda de musica dos bombeiros voluntarios.

Informam-nos de que o sr. Guilherme Fernandes tenciona propôr ao Inspector geral um outro exercicio publico, o qual constará principalmente de manobras de salvação pelos diferentes systemas até hoje conhecidos e adoptados em diversos paizes.

Não podemos deixar de applaudir a ideia, porque com estes exercicios o povo póde avaliar a sangue frio a segurança que lhe offerecem os diversos meios de salvação em cazo de perigo, e os bombeiros poderão com mais facilidade executar essas manobras.

Julgamento

Reuniu hontem em uma das salas da Real Associação Humanitaria «Bombeiros Voluntarios do Porto» o conselho de que tracta o regulamento dos socios activos, a requerimento do digno commandante, para julgar das faltas ao serviço, commettidas pelo bombeiro voluntario n.º 44.

O conselho foi presidido pelo vice-presidente da direcção, o sr. Joaquim José de Sousa Magalhães, no impedimento do presidente, e compunha-se dos vogaes, os srs. Eduardo de Souza Pereira, 1.º patrão; Jeronymo Telles da Silva, 2.º patrão; Arminio von Doelinger, aspirante; João Ferreira Junior, voluntario n.º 27; Antonio Cruz, n.º 12; Antonio Ignacio de Faria, n.º 46; Manoel Maia, n.º 3 e José Ribeiro de Freitas, n.º 6.

O accusado não nomeou defensor.

Lido o processo, foram inquiridas as testemunhas e sendo concedida a palavra ao promotor, o digno commandante, o sr. Guilherme Fernandes, declarou que, attendendo a que o accusado não encontrára quem o defendesse, não queria de fórma alguma aproveitar essa vantagem, nem aggravar a situação do accusado, contra quem não tinha animosidade alguma; e portanto, que nada mais accrescentava além do que já havia exposto no requerimento que acabava de ser lido; e terminou, dizendo que fazia votos para que o proceder de todos nunca mais o forçasse a lançar mão de meio tão extremo e que tão pouco se coadunava com o seu caracter benevolo.

Formulados os quesitos, retirou-se o conselho para uma outra sala, e depois de grande demora, voltou a occupar o seu logar, declarando o presidente, que tendo sido provadas por unanimidade as faltas imputadas ao accusado, fôra resolvido tambem por unani-

midade, que elle fosse admoestado perante toda a corporação.

N'essa occasião declarou o accusado que já havia dirigido um officio ao commandante para lhe ser dada a baixa.

O presidente interrompeu-o, dizendo que já não podia conceder-lhe a palavra e fechou a audiencia.

Ao julgamento assistiram muitos socios protectores, activos e voluntarios.

Em conclusão diremos, que não podemos deixar de louvar a maneira disciplinar como é dirigida aquella corporação, sem o que, por certo, não teria conseguido elevar-se tanto no conceito de todos.

Louvores, pois, a quem tanto se exforça pelo engrandecimento e dignidade de tão util instituição.

Bombeiros Voluntarios do Porto

Foi hontem inaugurada no quartel d'esta corporação a exposição de figuras de cêra, como noticiamos no nosso ultimo numero, organizada com o fim de occorrer ás despesas a fazer com a mobilia e ornamentação interior da casa.

A exposição correspondeu á nossa expectativa e merece bem ser vizitada, não só attendendo ao seu merecimento, mas ao fim a que é destinado o seu producto.

As diferentes figuras estão distribuidas por tres salas, e entre ellas sobresaem pela perfeição e illusão, dois quadros, um representando o bosque de Pontera e o assalto á diligencia, na occasião em que se travou a lucta entre os passageiros e salteadores; e o outro, a enfermaria de um dos hospitaes de sangue, por occasião da batalha de Sadowa.

Faz parte da exposição um gabinete reservado, que tambem é digno de ver-se.

A concorrência de visitantes tem sido grande, e portanto é de esperar que o resultado seja o mais satisfactorio possivel. Pela nossa parte fazemos votos para que os renditos correspondam á expectativa dos iniciadores.

Prosegue-se já activamente nas obras interiores, achando-se quasi concluidas algumas salas e espera-se que a casa esteja prompta e mobilada para o dia do anniversario da instalação.

Muitos dos associados teem feito offertas valiosas e entre estas sobresaem as seguintes: do presidente e vice-presidente da direcção, os srs. Eduardo Alves e Joaquim José de Sousa Magalhães, o papel, tapete, cortinado e cadeira da presidencia para a secretaria; do commandante, o sr. Guilherme Fernandes, toda a mobilia, cortinados, tapete, candelabro e mais adornos da sua secretaria; do fiscal, o sr. Joaquim A. M. Soeiro, reposteiros, papel e mais adornos da arrecadação do material; do thesoureiro, o sr. A. M. Fleming, reposteiro para a secretaria e um lustre de crystal.

Consta-nos tambem, que o commandante dos bombeiros voluntarios está a estudar um novo modelo de carro e bomba, o qual tenciona mandar construir logo que as forças do cofre permitam essa despeza.

Incendio no Rio de Janeiro

No dia 19 de passado houve no Rio de Janeiro um grande incendio, no Engenho Novo. O sinistro declarou-se pouco depois das 3 horas da madrugada.

Seis casas ficaram reduzidas a cinzas, na rua de Pedro II, as de numeros 20, 22, 24, 26, 28 e 30.

O fogo, originado, ao que parece, pela explosão de uma lata de petroleo, manifestou-se no armazem de seccos e molhados de Abreu & C.^a, estabelecido no predio n.º 24, propriedade de Thomaz da Costa Ribeiro, e d'ahi se communicou, de ambos os lados, aos predios contiguos, que ficaram completamente destruidos.

Os predios pertenciam: o de n.º 20 ao sr. visconde de Tocantins, o de n.º 22 a Manoel Ferreira, o de n.º 26 a uma orphã, o de n.º 28 a Manoel Gomes da Costa Figueiredo e o do n.º 30 aos herdeiros Gonçalves.

No predio n.º 20 habitava o commendador Raphael José da Costa e sua familia, ficando inteiramente perdida a sua mobilia e muitos objectos de uso; no n.º 22 estavam estabelecidos com negocio de pharmacia, os srs. Marcondes de Andrade & C.^a, estando o predio seguro na Companhia Argos, na quantia de rs. 5:000\$000.

No n.º 26 havia um deposito de farinhas e nos fundos uma cocheira de animaes pertencente a M.^{me} Galot, estando o negocio seguro na companhia «Mutualidade» pela quantia de 10:000\$000.

No n.º 28 habitava José Vaz da Motta, alli estabelecido com armazem de seccos e molhados, estando, o predio seguro em 8:000\$000 reis, na «Garantia».

O de n.º 30 era habitado o 1.º andar por Manoel José Moreira e o segundo por D. F. Margarida, professora, que ali dirigia um collegio de meninas.

D'esta casa foi salva corajosamente uma senhora pelo sr. José Vaz da Matta.

O predio onde teve origem o incendio, o de n.º 24, estava seguro na companhia Confiança por 4:000\$000 reis e o negocio em 6:000\$000 na mesma companhia.

Foram detidos, por ordem do subdelegado da freguezia, o negociante Abreu, proprietario do armazem onde começou o fogo, e seu caixeiro Manoel, portuguez, tratando aquella auctoridade de averiguar se foi ou não casual o incendio.

Foram encontrados na algebeira de um paletot, por uma praça de corpo militar de policia, a quantia de 170\$000 reis e um cartão de visita dirigido a Narciso Mesquita & C.^a estabelecidos á rua do Ouvidor n.º 10, ficando aquella quantia depositada em poder da auctoridade local.

O cartão era da casa Abreu. A escripturação ficou em poder da auctoridade, faltando o livro-caixa e o borrador.

As bombas embarcaram n'um wagon especial da estrada de ferro «D. Pedro II», posto á disposição do sr. director do corpo de bombeiros, por ordem do sr. L. Mayer, chefe da estação; chegando ás 8 horas e retirando-se ás 5 da tarde.

Os signaes para serviço de incendios

Vae adoptar-se em Lisboa o uso da corneta ou clarim no serviço dos incendios.

Do dia 10 de junho em diante a corporação dos bombeiros municipaes terá uma corneta de signaes para dirigir os movimentos da corporação nos ataques contra os incendios de certa importancia. O corneta é filho de um bombeiro, 1.º patrão machinista, Thomaz Maria Esteves, e tem andado em ensino com os corneteiros de caçadores 5.

Applaudimos esta medida. Sem condemnarmos o uso do apito, actualmente em uso, somos forçados a reconhecer que a sua acção é muito circumscripta e que o clarim satisfaz muito mais cabalmente quando estiver em combate e em area bastante extensa um certo numero de pessoal e material.

É muito de suppôr que o sr. inspector dos incendios d'esta cidade venha a adoptar o mesmo alvitre quando lhe reconheça a importancia practica.

Incendios no Porto de 1 a 15 de maio

2 de Maio—À uma hora e meia da tarde. Rua de S. Miguel n.º 54. Habitação do Dr. Joaquim Lisbano d'Almeida Didier. O incendio causou prejuizos consideraveis no predio e especialmente na mobilia. O predio tinha seguro na *Fenix*. Compareceu em primeiro logar a bomba n.º 4 seguindo-se-lhe a bomba e carro dos Bombeiros Voluntarios que trabalharam conjunctamente na extincção.

Deu-se n'este incendio um incidente tragico. Quando os bombeiros entraram na cozinha depararam com o cadaver d'uma desventurada, de nome Izabel Augusta, serviçal da casa, pendurado d'uma corda suspensa d'uma trave. Parece que a desgraçada um tanto atrevida a alienação mental fôra accometida d'um accesso de loucura com a idea sinistra do suicidio e do incendio, pois que todos os indicios levam a suppor que o fogo foi posto por ella. Pensou-se ao principio n'um crime. As averiguações a que posteriormente se procedeu, demonstraram apenas a loucura. Submettido á autopsia o cadaver de Izabel Augusta, verificou-se ter tambem ingerido no estomago uma porção de phosphoro. A infeliz quiz dar-se tres especies de morte, qual d'ellas mais horrorosa: a estrangulção, a asphixia pelo fumo e o veneno.

Este tristissimo acontecimento trouxe por muito tempo impressionados os bombeiros.

12 de Maio—Às 10 horas da manhã. Rua do Bomjardim n.º 200. Propriedade de Francisco Antonio da Cunha Magalhães e onde o snr. Joaquim José de Souza Magalhães tem estabelecida uma padaria. O fogo declarou-se na estufa causando prejuizos que ascendem a cerca de 150:000 reis. A padaria tinha seguro na *Bonança* e *Confiança*.

Compareceu em primeiro logar a bomba dos voluntarios que trabalhou na extincção e o carro de material: seguiu-se-lhe a bomba n.º 1.

14 de Maio—Às 7 horas e meia da tarde. Rua de Traz n.º 228. Propriedade de Antonio Faustino d'Andrade occupada por diversos inquilinos. O incendio declarou-se no andar occupado por Leocadia Maria de Jesus na fuligem da chaminé, communicando-se ao forro do tecto e d'ali ao telhado. São calculados os prejuizos que causou, em cerca de 200:000 reis. O

predio tinha seguro na *Bonança*. A primeira bomba que compareceu foi a n.º 3, seguindo-se-lhe a bomba e carro de material dos Bombeiros Voluntarios. Na extincção trabalharam a bomba n.º 3 e a **PEQUENA BOMBA DE MÃO** dos voluntarios.

Incendios na Provincia

No principio do corrente mez, em Villa do Conde, na igreja matriz e durante o sacrificio da missa, uma tocha incendiou umas sanefas.

Foi de prompto extinto o incendio, não sem que o mulherio que estava na igreja, levantasse grande gritaria.

Nas Caldas de Vizella houve um incendio na casa do padre José Pinto. Accudindo a bomba dos voluntarios, de prompto o extinguiu, causando o incendio por isso pequeno prejuizo.

No dia 12 do corrente em Coimbra houve um incendio em um deposito de lenha e carqueja de D. Maria Pessoa. Os prejuizos foram avultados e muito maiores seriam se o sinistro fosse de noute.

Necrologio

Damos hoje com bastante pezar a noticia do passamento de um bombeiro notavel, o superintendente da brigada de bómbeiros de Liverpool, George Copland, character respeitabilissimo e de intelligencia e illustração pouco vulgares.

Desde 1874 que commandava aquella brigada e era sempre dos primeiros a comparecer no local do sinistro e a animar com a sua presença os bombeiros nos pontos mais arriscados.

Succumbiu em resultado de uma lezão de coração. O funeral teve logar no cemiterio de Anfield no dia 6, com a assistencia de milhares de pessoas, porque George Copland era estimado por todos. O cortejo funerario compunha-se de 250 guardas civis, commandados pelo commissario Hancox e seis inspectores; trinta officiaes bombeiros, commandados por um ajudante; a bomba tirada por duas parellas de cavallos e conduzindo o feretro, sobre o qual ia collocado o capete e cinto do finado; os ajudantes da brigada; quatro carros funerarios conduzindo os parentes do fallecido; um piquete de doze bombeiros voluntarios de West Duley; o corpo de salvação e o seu carro com dez homens; a companhia da agua e varias deputações de bombeiros de diversas corporações.

George Copland deixa mulher e duas crianças em

más circunstancias; porém os srs. Yates & C.^ª, banqueiros de Liverpool, abriram uma subscrição para socorrerem aquella familia.

Sangue frio

Durante o combate naval que houve entre o navio inglez «Centurion», commandado por Auson, e o rico galleão hespanhol que depois foi aprisionado, um marinheiro chegou esbaforido à presença do commandante inglez e disse-lhe: «senhor, o nosso navio tem fogo a bordo, perto do paiol da polvora»—«Então, n'esse caso, respondeu placidamente o commandante» «vã ajudar a extinguir o incendio.»

Incendios em Lisboa

No mez findo houve, em Lisboa, 19 incendios, sendo 12 de dia e 7 de noite, mais 4 do que em igual mez do anno anterior; em roupa e camas, 5; madeiramento, moveis e vigamento, 3; enxofre, 1; talha, 1; chaminé, 1; lenha, 3; maravalhas, 4; carvão, 1. As causas foram: por brinquedo de crianças, 2; por ausencia do inquilino, 4; por descuido, 4; por faulhas, 6; ignora-se as causas de 2. Além d'estes, houve mais 9 desconfianças e as torres fizeram 9 vezes signal de incendio.

As freguezias onde se deram os sinistros, foram: Encarnação, 4; S. José, 1; Santo Estevão, 1; S. Christovão, 1; Santos, 1; Santa Catharina, 1; S. Paulo, 1; S. Miguel, 1; Socorro, 1; Santa Izabel, 1; Mercês, 3; S. Vicente, 1; Santa Justa, 2. Trabalharam na extincção 12 bombas e o respectivo pessoal, ficando feridos 2 homens e queimado 1. Morreu de queimaduras uma creança. A companhia que teve mais prejuizos, foi a Phenix.

No concelho de Belem houve 4 incendios; e no de Almada, 1, trabalhando o pessoal da de Lisboa em 2.

Incendios no estrangeiro

Os incendios na Russia continuam incessantemente. Em 27 d'abril rebentou um em Sadowysk, ardendo 65 casas, 50 estabelecimentos, a escola do districto e a synagoga dos judeus.

No dia 28 manifestou-se tambem um incendio na cidade de Nemiroff, que a destruiu quasi toda. Foram presa das chammas mais de 200 cabeças, e ficaram sem ter que vestir mais de 200 familias.

A' Camara de Villa Nova de Gaya

A brigada de bombeiros de Manchester, tendo recebido avizo de incendio para Oil Works, nos suburbios da cidade, dirigiu-se para o local indicado; porém, observando que o predio incendiado pertencia á municipalidade de Clayton que se recusa a contribuir para a manutenção da brigada de Manchester, o inspector ordenou ao pessoal que se retirasse com o seu material, depois de se ter certificado de que o incendio se não communicaria ás casas do bairro de Bradford que está sob a jurisdicção da brigada.

Não se admire, portanto, a camara de Gaya, visto não querer contribuir para as despezas da companhia de incendios do Porto ou remunerar os valiosos serviços que ella presta n'aquelle municipio, se a camara d'esta cidade lhe negar tambem qualquer auxilio.

Esta circumstancia merece ser bem ponderada pela vereação de Gaya, e foi para esse fim que citamos o exemplo que acaba de ter logar na Inglaterra.

Varias noticias

Os bombeiros municipaes de Guimarães tiveram exercicio no principio do corrente mez.

*
* * *

Foi gratificada pelas companhias *Tranquilidade Portuense*, de que é agente em Vizeu o sr. A Ferreira Henriques, e *Fidelidade*, de que são agentes os srs. Barbosa & Cardoso, a corporação de bombeiros municipaes d'aquella cidade, dando a primeira 20\$000 reis e a segunda reis 50\$000.

Bem deviam as companhias de seguros seguir o mesmo exemplo n'esta cidade. São as companhias de seguros as mais directamente interessadas com o serviço de incendios e nunca até hoje lhe mereceram consideração nem recompensa os prestimosos serviços do corpo de bombeiros.

Não são de certo algumas dezenas de mil reis, que vão cercar os lucros aos srs. accionistas, que tem nos bombeiros uns devotados zeladores dos seus capitães.

A seu tempo fallaremos mais de espaço d'este egoismo que nada justifica.

*
* * *

No incendio ultimamente succedido em Vizeu e que noticiamos no nosso numero anterior, o chefe da companhia de bombeiros d'aquella cidade, o sr. José de Salles Mendonça e Silva, soffreu na mão direita uma queimadura bastante grave e de que esperamos vél-o em breve restabelecido.

PORTUGAL A CAMÕES

Até 31 de maio, 300 reis—Depois de 31 de maio 500 reis.
Assigna-se no escriptorio do *Jornal de Viagens*, largo de S. Domingos 58—Porto.

PORTO—Typographia Occidental, rua da Fabrica, 66.